



UNICAMP

EVENTO: Bright Red
Laurie Anderson
 VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO
 DATA: 24 de dezembro de 1994
 PÁGINA: 1ª
 SEÇÃO: CADERNO 2



MÚSICA

Laurie Anderson faz pregação eletrônica

A cantora e compositora arma seu tabernáculo mecânico no disco 'Bright Red', repleto de citações bíblicas

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Laurie Anderson resolveu comemorar seus 20 anos de carreira fazendo pregação da Bíblia nos Estados Unidos e Europa, em 95. O show vai apresentar canções de seu mais recente disco, *Bright Red*, que está sendo lançado no Brasil e reúne mais citações bíblicas do que todos os livros de Bernanos juntos. Simultaneamente acabou de chegar às livrarias americanas *Stories From The Nerve Bible* (editora Harper Collins), um volume retrospectivo que traz excertos de suas performances, teorias polêmicas sobre arte, comentários sobre seus trabalhos musicais para balé e cinema e uma pitada de tempero político.

Por que *Nerve Bible*? Bem, as primeiras histórias que Laurie ouviu quando menina foram tiradas da Bíblia. "Eram realmente inacreditáveis, coisas como oceanos se partindo e serpentes que falavam como gente, ou seja, histórias que me faziam entrar num mundo surrealista", justifica Laurie. Desde então, ela diz, nunca mais conseguiu saber a diferença entre realidade e criação artística.

Rodeada de sintetizadores, processadores e equipamentos de modulação vocal, Laurie vai aparecer em sua turnê como uma pregadora multimídia. E piromaniaca. Ela descobriu mais fogo em seu livro — que vai ler para o público — do que no apocalipse bíblico. "Para mim, os

equipamentos eletrônicos são piras modernas, têm muito em comum com o perigo, a atração e o poder de destruição do fogo", diz Laurie em *Nerve Bible*. Exemplo: *Bright Red*, que dá título ao disco, é uma citação do Livro de Isaías e faz referência direta às sirenes dos antigos templos de prazer.

Esse descobrimento do Evangelho pela modernidade vem acompanhado de defeitos especiais. O som espacial do produtor Brian Eno lembra aquelas rudimentares experiências sonoras de Russell Garcia nos anos

50, quando os marcianos ainda eram verdes e existiam líderes entre terráqueos. Mas a matriz dos melhores arranjos de Eno (*Speak My Language*, por exemplo) chama-se Elliott Goldenthal, que não é citado em nenhum momento, nem mesmo na lista de agradecimentos.

Goldenthal é desconhecido, até mesmo nos Estados Unidos. No entanto,

é só ouvir Laurie Anderson e o mais recente disco de Joe Jackson, *Night Music*, para ver até onde vai sua influência. Sua fórmula: uma mistura insólita de acordeão, sintetizador, violino desafinado e descontrolado saxofone forja um tipo de som especial para drogaditos (não por acaso, é ele o autor da trilha de *Drugstore Cowboy*, de Gus Van Sant). Esse som de cabaré intergaláctico é retro-maníaco. Joe Jackson, por exemplo, traz de volta as Ondas Martenot, aquele instrumento eletrônico monofônico inventado em 1928. Já Lau-



Laurie Anderson: temas apocalípticos e profecias com arranjos de Brian Eno e voz de Lou Reed

rie Anderson junta o primitivo surdo de Ciro Batista com os loops de Brian Eno.

Essa retropulsão acaba atingido também as letras. A faixa *Beautiful Pea Green Boat* vai buscar no poeta romântico Edwin Lear o tema da bizarra união entre um corujão e uma gatinha. A fábula novecentista sobre esse estranho casamento traduz a obsessão da modernidade pela metáfora, uma praga que já foi expulsa da pintura por Rothko. Anderson, que também é artista plástica, sabe disso, mas finge que não sabe. Reci-

cla parábolas bíblicas para falar da hecatombe (em *Muddy River*) e das pragas (em *Love Among Sailors*). A primeira fala de cidades submersas e peixes morrendo sobre a terra. A última diz que não existe lugar seguro no planeta e que a nova peste negra já cruzou todos os oceanos. Palavra da Bíblia eletrônica de dona Laurie.

Outra obsessão: o tempo. Ela diz que começou a compor as músicas de *Bright Red* pensando em sua fobia pelos números. Quantas pessoas vivem no globo? Quantos anos tem o planeta? Laurie enlouquece só de

pensar, mas reconhece que "as religiões transmitem aos fiéis a ilusão de controlar o tempo". Um consolo para a finitude. Não é preciso dizer que o disco é mais pessimista que a hiena Lippy Har Har dos desenhos animados.

Parece natural que um projeto como esse conte entre seus convidados especiais velhos profetas da sarjeta como Lou Reed, que canta em *In Your Sleep*, reciclada de *Language is a Virus*. Trata-se de um trava-língua, parlenda em que Reed tropeça no tamborim de Ciro Batista. No fundo,



a brincadeira é estéril como os irritantes jogos de palavras de amadores poetas concretos (ela troca *sleep*, dormir, por *speak*, falar). Essa esterilidade é reveladora: os novos arautos têm muito pouco a dizer além do que já foi dito pela vanguarda do começo do século.

Jean Cocteau costumava dizer que a única obrigação do artista é surpreender. Se ele não consegue, não merece o título. Laurie Anderson costumava surpreender há vinte anos, em suas exposições na Solomon de Nova York, nos filmes que fazia com Bob George e em suas experiências sonoras com Bob Bielecki. Desde 87, quando seu filme *Home of the Brave* foi apresentado em Cannes, a artista multimídia tem repetido de forma exaustiva a fórmula: voz suave de aeroporto modulada por fios, uma ou duas citações literárias de peso, mensagens apocalípticas e certo gosto pelo atonalismo. *Bright Red* só muda na recuperação da ordem tonal, embora a melódica não dê o ar da graça. A música moderna é ritmo. É a volta do som primal. Agora em versão eletrônica. Anderson sabe disso.

SERVIÇO

Bright Red - Novo disco de Laurie Anderson. Com Brian Eno, Lou Reed, Arto Lindsay, Ciro Batista, Joey Baron, Adrian Belew e outros. Lançamento Warner. Preço médio: R\$ 20,00.